



## O SIGNIFICADO DO BATISMO CRISTÃO A PARTIR DE TRÊS FIGURAS VETEROTESTAMENTÁRIAS

---

*The meaning of Christian baptism from three veterotestamentary figures*

**Daniel Nieswald**

\*\*\*

Com a prática do batismo cristão, desenvolveu-se a reflexão sobre seu significado. Ele já não era mais somente o que fora o batismo de João Batista (At 19.1-7). Segundo as tradições mais antigas, era realizado em “nome do Senhor Jesus Cristo” (Rm 6.3, esta carta foi escrita na década de 50 d.C., mais provavelmente entre 55 e 58 d.C.<sup>1</sup>; também a tradição de Lucas: At 2.38; 19.1-7). E, segundo uma mais recente, em nome do “Pai, e do Filho, e do Espírito Santo” (Mt 28.19b) (O Evangelho de Mateus é o único que fala em batismo trinitário no NT e é datado por volta de 80 d.C.<sup>2</sup>).

Através do labor teológico da Igreja primitiva, fez-se uma teologia do batismo, rica em imagens e significados. Este testamento que nos foi legado através do NT, em especial, através das cartas e nos ajuda a entender melhor o que é este rito, que está dentre os mais antigos do cristianismo, e no que ele nos diz respeito.

As imagens das quais se valem, tanto pessoas cristãs do primeiro século quanto os pais apostólicos do período da Patrística, vieram da Bíblia dos primeiros cristãos, isto é, daquilo que hoje nós conhecemos por Antigo Testamento.

Desde muito cedo, no Período da Patrística, começou-se a listar e desenvolver o significado destas imagens veterotestamentárias associadas ao batismo cristão. A mais antiga lista destas imagens está presente em *De Baptismo*, escrito por Tertuliano<sup>3</sup>. Também Dídimo de Alexandria, Cirilo de Jerusalém e Ambrósio as citam<sup>4</sup>. Somente aqueles que faziam parte da escola de Antioquia não fazem referência. Talvez porque fossem hostis a tipologias<sup>5</sup>. Conforme Danielou:

Lendo essas listas ficamos impressionados ao ver como elas se parecem. Isso prova que estamos diante de um ensinamento comum. Esse ensino remonta aos mais antigos ensinamentos da Igreja<sup>6</sup>.

As figuras do Antigo Testamento que foram relacionadas ao batismo cristão não o foram sem razão. Não são nem mesmo apenas ilustrações<sup>7</sup>. Na verdade, elas autorizam o batismo, na

---

<sup>1</sup> FITZMYER, Joseph A. **Romans**: a new translation with introduction and commentary. New York: Doubleday, 1993, p. 87.

<sup>2</sup> KONRADT, Matthias. **Das Evangelium nach Matthäus**: Neubearbeitung. Göttingen: Vandenhoeck & Ruprecht, 2015, p. 24.

<sup>3</sup> DANIELOU, Jean. **Bíblia e liturgia**: a teologia bíblica dos sacramentos e das festas nos Padres da Igreja. São Paulo, SP: Paulinas, 2013, p. 94.

<sup>4</sup> DANIELOU, 2013, p. 94.

<sup>5</sup> DANIELOU, 2013, p. 94.

<sup>6</sup> DANIELOU, 2013, p. 94.

medida em que são anúncios do mesmo<sup>8</sup>. Isto está bem de acordo com a interpretação que a Igreja primitiva tinha do Antigo Testamento como “profecia” de Jesus Cristo. Ao serem anúncios do batismo cristão, estas figuras do Antigo Testamento também o explicam. É Oscar Cullmann quem bem expressou essa ideia, ao afirmar que o batismo é continuação das obras de criação e libertação que Deus realizou e que estão relatadas no Antigo Testamento<sup>9</sup>. Um princípio que está pressuposto em todas estas figuras é a ação dupla de Deus através da água: por um lado, a água que destrói, sendo meio pelo qual Deus manifesta juízo; por outro lado, ela pode purificar e possibilitar surgimento de nova criação, sendo meio pelo qual Deus manifesta sua graça<sup>10</sup>.

Neste artigo falaremos a respeito de três figuras ligadas ao batismo. São elas: a criação, o dilúvio e a travessia do Mar Vermelho. Com certeza isto não encerra o assunto. Há ainda outras imagens associadas ao batismo (rochedo de Horeb, água de Mara, banho de Naamã, etc), mas não seria possível falar de todas elas em um artigo como este.

## A Criação

Faz parte do anúncio profético que Deus faria nova criação, no final dos tempos (especialmente Isaías)<sup>11</sup>. Há aqui uma tipologia escatológica: a primeira criação é uma figura da nova criação<sup>12</sup>. O Novo Testamento fala da nova criação como já presente em Jesus Cristo. “A Encarnação é a criação do novo Universo”<sup>13</sup>. É importante assinalar que a nova criação não é pontual e não parou com a ascensão de Jesus Cristo. Ela continua se realizando dentro da história e o batismo é sua concretização<sup>14</sup>. Batismo é nova criação!<sup>15</sup> É novo nascimento, conforme o evangelista João e sua comunidade (Jo 3.3,5). Conforme o apóstolo Paulo, estar em Cristo, é ser nova criatura (2Co 5.17), e é em Cristo que a pessoa cristã é batizada (Rm 6.3). 2 Pedro 3.5 nos diz: “Porque, deliberadamente, esquecem que, de longo tempo, houve céus bem como terra, a qual surgiu da água e através da água pela palavra de Deus”. Assim, as águas primordiais, das quais Deus fez surgir a primeira criação, são um paralelo com as águas do batismo, através das quais Deus suscita nova criação<sup>16</sup>.

Dois aspectos da água estão presentes em ambas as criações: 1) ela é o elemento do qual Deus faz surgir vida e 2) ela é santificada pelo Espírito de Deus<sup>17</sup>. O Espírito de Deus, o qual é responsável pela recriação dos batizados, “por sobre as águas” pairava (Gn 1.2b). Para Tertuliano, as águas, na primeira criação, que levavam aquele que é Santo, ou seja, o Espírito de Deus, eram santificadas por este, ou seja, recebiam da santidade Daquele<sup>18</sup>. E Tertuliano afirma ainda que, assim como as águas foram santificadas pelo Espírito de Deus, também receberam a ordem de serem santificadoras<sup>19</sup>: “É por isso que todas as águas, pelo fato de sua prerrogativa original, obtêm o sacramento da santificação, pela invocação de Deus”<sup>20</sup>. Dessa compreensão é que o

---

<sup>7</sup> DANIELOU, 2013, p. 95.

<sup>8</sup> DANIELOU, 2013, p. 95.

<sup>9</sup> DANIELOU, 2013, p. 95.

<sup>10</sup> Ver DANIELOU, 2013, p. 95.

<sup>11</sup> DANIELOU, 2013, p. 95.

<sup>12</sup> DANIELOU, 2013, p. 96.

<sup>13</sup> DANIELOU, 2013, p. 96.

<sup>14</sup> DANIELOU, 2013, p. 96.

<sup>15</sup> DANIELOU, 2013, p. 96.

<sup>16</sup> DANIELOU, 2013, p. 96.

<sup>17</sup> DANIELOU, 2013, p. 96.

<sup>18</sup> DANIELOU, 2013, p. 96.

<sup>19</sup> DANIELOU, 2013, p. 96.

<sup>20</sup> DANIELOU, 2013, p. 96.

cristianismo primitivo adotou a prática da consagração da água batismal<sup>21</sup>. A partir disto e dos relatos do batismo de Jesus, Dídimio de Alexandria também deduziu que, quando do batismo de Jesus, “o Espírito Santo desceu sobre as ondas do Jordão e repousou sobre elas”<sup>22</sup>, ao se referir a vinda do Espírito como pomba no batismo de Jesus (Mt 3.16). Aqui encontramos o paralelismo: o Espírito de Deus estava sobre as águas no momento da primeira criação (Gn 1.2b) e desceu sobre as águas do Jordão no momento do batismo de Jesus, sobre este Jesus que *é e no qual se realiza* a nova criação (Mt 3.16). A imagem da pomba que paira sobre Jesus no momento de seu batismo ganha aí um sentido todo especial.

Segundo Oscar Cullmann, o elemento novo e que diferencia o batismo cristão do batismo judaico de prosélitos e do batismo de João Batista, é que o primeiro promete o dom do Espírito Santo<sup>23</sup>. Pois a dádiva do Espírito está ligada a pessoa e a obra de Cristo<sup>24</sup>. Assim já o anunciara o Batista (Lc 3.16). Sendo o Cristo aquele que batiza com o Espírito (também At 2.33), é natural que o batismo seja em seu nome (At 2.38). Enfim, está claro que batismo é nova criação e, ao mesmo tempo, retomada da primeira<sup>25</sup>. São duas ações criadoras de Deus que se correspondem<sup>26</sup>.

Há outro aspecto aqui, digno de nota. Embora o Gênesis tenha perdido este traço, a criação é vitória de Deus sobre o caos. Liturgias coptas e etíopes preservaram este aspecto nas suas bênçãos de águas<sup>27</sup>. Deus é aquele que “firma” o mar<sup>28</sup>. Pois, como é nitidamente perceptível no Gênesis (1.2), as águas primordiais sobre as quais Deus está não são sua criação: elas estão ali antes de Deus começar a criar. Elas são, na verdade, negação da ação criadora de Deus. Deus vence este quadro de caos para criar todas as coisas. O Leviatã, dragão do mar, que aparece em algumas passagens bíblicas (p. ex. Jó 3.8; Sl 74.14; especialmente Is 27.1), é resquício do antigo mito, que fala do mostro do caos, o qual Deus vence para poder criar<sup>29</sup>: é a santificação das águas.

## O dilúvio

A figura do dilúvio também foi muito comumente relacionada ao batismo. Vejamos, brevemente, como se relacionam.

As águas do dilúvio não lavam, mas destroem<sup>30</sup>. O batismo configura a morte de Jesus Cristo (Rm 6.3-4a)<sup>31</sup>. Algumas ideias são passíveis de serem deduzidas do relato do dilúvio (Gn 6-9): o mundo estava cheio de pecado (Gn 6.5,11-12); Deus julga o mundo e o condena à destruição (Gn 6.7,13,17); um justo é preservado e será o novo início (Gn 6.8,18; 7.1; 9.1)<sup>32</sup>. 1Pedro (3.18-21) expressa a relação entre o batismo e o dilúvio desta forma:

Pois também Cristo morreu, uma única vez, pelos pecados, o justo pelos injustos, para conduzir-vos a Deus; morto, sim, na carne, mas vivificado no espírito, no qual também foi e pregou aos espíritos em prisão, os quais, noutro tempo, foram desobedientes quando a longanimidade de Deus aguardava nos dias de Noé, enquanto se preparava a arca, na qual poucas, a saber, oito pessoas, foram salvas, através da água, a qual, figurando o batismo,

---

<sup>21</sup> DANIELOU, 2013, p. 96-97.

<sup>22</sup> DANIELOU, 2013, p. 97.

<sup>23</sup> CULLMANN, Oscar. **Die Tauflehre des Neuen Testaments: Erwachsenen und Kindertaufe.** Zürich: Zwingli, 1948, p. 6.

<sup>24</sup> CULLMANN, 1948, p. 6.

<sup>25</sup> DANIELOU, 2013, p. 97.

<sup>26</sup> DANIELOU, 2013, p. 97.

<sup>27</sup> DANIELOU, 2013, p. 98.

<sup>28</sup> DANIELOU, 2013, p. 98.

<sup>29</sup> DANIELOU, 2013, p. 98.

<sup>30</sup> Ver DANIELOU, 2013, p. 99.

<sup>31</sup> DANIELOU, 2013, p. 99.

<sup>32</sup> DANIELOU, 2013, p. 99.

agora também vos salva, não sendo a remoção da imundícia da carne, mas a indagação de uma boa consciência para com Deus, por meio da ressurreição de Jesus Cristo.

No dilúvio, a humanidade pecadora foi destruída. Um justo foi preservado para ser o primogênito de uma nova humanidade<sup>33</sup>. No batismo, ocorre algo semelhante. O velho ser humano pecador é destruído pelo sacramento da água<sup>34</sup>. Aquilo que sai das águas é parte da nova criação de Deus<sup>35</sup>. “Na morte de Cristo, a humanidade pecadora que ele assumiu é destruída pelas grandes águas da morte, e ele sobe primogênito da nova criação”<sup>36</sup>. O batismo “é uma imitação sacramental da morte e da ressurreição de Cristo”<sup>37</sup> (Rm 6.3-7).

Tanto Cristo quanto o batismo são manifestações do fim dos tempos<sup>38</sup>. O batismo cristão é realização do julgamento escatológico<sup>39</sup>.

O dilúvio, a descida aos infernos que Jesus realiza em sua morte (1Pd 3.18-21) e o batismo possuem uma relação teológica: Deus realiza os mesmos caminhos<sup>40</sup>. Nos três casos: um mundo pecador é destruído e um justo, poupado<sup>41</sup>. No dilúvio é Noé; na descida ao inferno, Jesus; no batismo, a pessoa cristã (que é uma configuração de Jesus Cristo). Como antecipação sacramental do juízo escatológico, aquele que se submete ao batismo, escapa do juízo, pois já foi julgado<sup>42</sup>.

A tipologia comum dos autores da Patrística é de interpretar a arca de Noé como uma figura da Igreja, ou seja, como símbolo eclesial (p. ex. Tertuliano, Irineu, Cipriano). Somente Justino interpreta o madeiro da arca como figura do madeiro da cruz, através do qual são salvos os que estão em Cristo (símbolo cristológico). Assim como alguns foram salvos do dilúvio através da arca e somente foram salvos os que estavam na arca, também aqueles que estão na Igreja de Cristo, a nova arca do novo Noé, são salvos do juízo vindouro. Sim: Noé é interpretado como uma figura do Cristo, através do qual uma nova humanidade tem início. Entra-se nessa arca, que é a Igreja, através do batismo. O batismo como figura sacramental que aponta tanto para o juízo como para a salvação escatológicos. Ele salva do juízo escatológico, uma vez que aqueles que passaram pelas águas do batismo, passaram pelo julgamento e ingressaram na comunidade cristã, a nova arca, que está destinada a um novo tempo, no Reino de Deus. (Não quero entrar aqui na questão decisiva que tem a fé para salvação e como está se relaciona com o batismo (Mc 16.18) Para os que não passaram pelas águas do batismo e não ingressaram na arca da Igreja, para estes sobra as águas do dilúvio!

Na pomba que Noé solta da arca e que para esta retorna trazendo um ramo verde também foi visto um significado que se relaciona com o batismo (Gn 8.11). A volta da pomba para a arca simboliza a reconciliação da humanidade com Deus que se dá em Jesus Cristo. O ramo verde do novo mundo pós-diluviano é esperança que o Espírito traz para os que estão com o novo Noé na arca da Igreja, esperança de novos céus e nova terra, nos quais habite a justiça (2 Pd 3.13). Por isso que a pomba pousa sobre o novo Noé, Jesus Cristo, no momento de seu batismo: é o sinal da reconciliação que Deus oferece através deste e que vem através das águas do batismo. Não é

---

<sup>33</sup> DANIELOU, 2013, p. 100.

<sup>34</sup> DANIELOU, 2013, p. 100.

<sup>35</sup> DANIELOU, 2013, p. 100.

<sup>36</sup> DANIELOU, 2013, p. 100.

<sup>37</sup> DANIELOU, 2013, p. 100.

<sup>38</sup> DANIELOU, 2013, p. 101.

<sup>39</sup> DANIELOU, 2013, p. 101.

<sup>40</sup> DANIELOU, 2013, p. 102.

<sup>41</sup> DANIELOU, 2013, p. 102.

<sup>42</sup> DANIELOU, 2013, p. 102.

sem razão que a pomba se tornou sinal não apenas do Espírito, mas também da paz, a qual vem com a justificação daquele que crê, que se dá em Cristo (Rm 5.1).

A figura das oito pessoas na arca também teve sua interpretação. As oito pessoas seriam uma figura do oitavo dia, o dia depois dos sete dias da semana, o domingo cristão, o dia da ressurreição do Senhor. É o início de um novo tempo. Deus inaugurou a ressurreição. É a chegada do tempo escatológico.

### **Travessia do Mar Vermelho**

A travessia do Mar Vermelho também se tornou uma figura batismal. As razões para isso veremos brevemente, agora.

Assim como no dilúvio, as águas do Mar Vermelho foram instrumento de destruição e juízo. Por outro lado, também o foram de salvação e graça. Pois o povo escolhido de Deus foi preservado e salvo através delas. O relato da travessia pelo Mar Vermelho não deve ser desconectado de seu contexto maior: o êxodo. Todo o evento do êxodo é em si uma figura de redenção<sup>43</sup>. Profetas anunciaram um novo êxodo no final dos tempos e esperava-se que nele Deus realizaria obras maiores do que no passado, quando seu povo esteve pelo deserto<sup>44</sup>. Para os autores do Novo Testamento isto se realizou em Cristo (especialmente para o evangelista Mateus)<sup>45</sup>. Em Cristo, Deus realiza a verdadeira libertação<sup>46</sup>. O batismo é essa libertação!<sup>47</sup>

Na Páscoa, os judeus comemoravam sua libertação e saída do Egito. E é na Páscoa que Jesus Cristo realiza a redenção pela sua morte<sup>48</sup>. Ele é o Cordeiro pascal (1Co 5.7). O entendimento que Jesus teve de si mesmo, de sua vocação e missão, para além de qualquer desenvolvimento posterior que ele mesmo tenha tido ou a Igreja a respeito dele, é a de que ele era o servo sofredor de Deus<sup>49</sup>. Sua missão era a de assumir sobre si mesmo os pecados de todo o povo e sofrer a morte que deles decorria<sup>50</sup>. E assim, ao vir ao batismo de João, não vinha pelos seus próprio pecados, como as outras pessoas, mas em solidariedade a todo o povo, e em seu batismo assumiu os pecados que não eram seus<sup>51</sup>. Portanto, o batismo de Jesus se completou em sua morte, onde ele morre em lugar daqueles com os quais se solidarizou. Existe uma continuidade entre as ações libertadoras de Deus<sup>52</sup>. Danielou escreve:

Na saída do Egito, a morte e a ressurreição de Cristo, o batismo, constituem uma mesma ação redentora que se realiza nos diferentes planos da história: o da figura, o da realidade, o do sacramento. É normal que os textos da liturgia da sinagoga sobre a Páscoa sejam assim transpostos à ressurreição de Cristo e ao batismo<sup>53</sup>.

---

<sup>43</sup> DANIELOU, 2013, p. 109.

<sup>44</sup> DANIELOU, 2013, p. 109.

<sup>45</sup> DANIELOU, 2013, p. 109.

<sup>46</sup> DANIELOU, 2013, p. 109.

<sup>47</sup> DANIELOU, 2013, p. 109.

<sup>48</sup> DANIELOU, 2013, p. 109.

<sup>49</sup> Veja CULLMANN, 1948, p. 13.

<sup>50</sup> CULLMANN, 1948, p. 13.

<sup>51</sup> CULLMANN, 1948, p. 13.

<sup>52</sup> DANIELOU, 2013, p. 109.

<sup>53</sup> DANIELOU, 2013, p. 109-110.

No Dêutero-Isaías (Is 40-55), a figura do êxodo do Egito ganha um sentido escatológico<sup>54</sup>. Deus provocará novo êxodo para os do seu povo que foram exilados pelo Império Babilônico, assim como fez no passado ao libertar seu povo do Egito (p. ex. Is 43.16-21).

A travessia do Mar Vermelho é também uma figura implícita da vitória de Deus sobre Zahab, o monstro marinho, figurado no Egito<sup>55</sup>. É nova vitória de Deus contra o dragão do Mar, que está relacionado aqui especialmente com a idolatria egípcia<sup>56</sup>. Assim, a travessia do Mar Vermelho torna-se uma figura da vitória futura de Deus sobre todo o mal.

No livro de Apocalipse, fala-se dos eleitos, que venceram a besta que emergiu do mar (Ap 13.1), que estavam parados sobre um mar de vidro (Ap 15.2). É interessante que o mar sobre o qual os eleitos de Deus estão em pé é de *vidro*, diferente do mar do qual surge a besta (Ap 13.1), pois este já não existe mais quando Deus cria novos céus e nova terra (Ap 21.1). É diferente também do mar do caos, que é negação da ação criadora de Deus, em Gn 1.2, e diferente ainda do Mar Vermelho, o qual Deus *domina* (Is 51.10) para torná-lo meio pelo qual salva o seu povo da opressão e perseguição egípcias. Lembremo-nos que o Apocalipse de João está inserido num contexto histórico de perseguição de pessoas cristãs por parte do Império Romano. E interessante ainda é que o hino dos vencedores da besta, que havia emergido do mar, e que estão sobre o mar de vidro é "(...) o cântico de Moisés, servo de Deus, e o cântico do Cordeiro" (Ap. 15.3). Aqui está evidente que a travessia do Mar Vermelho fora concebida como uma figura da salvação no final dos tempos e Moisés como uma figura do Cordeiro, Jesus Cristo.

A Besta e o Faraó constituem uma mesma figura: a do demônio. Este é destruído pelas águas do julgamento. Enquanto isso, o povo eleito de Deus passa pelas águas do mar da morte sem sofrer mal algum<sup>57</sup>.

Até agora tratamos basicamente de escatologia. Isto é relevante porque escatologia e batismo, como vimos até aqui, tem estreita relação. Isso se torna mais evidente quando, por exemplo o Apóstolo Paulo, em 1 Co 10.1-4, estabelece a relação entre o batismo cristão e a travessia do Mar Vermelho da seguinte forma:

Ora, irmãos, não quero que ignoreis que nossos pais estiveram todos sob a nuvem, e todos passaram pelo mar, tendo sido todos batizados, assim na nuvem como no mar, com respeito a Moisés. Todos eles comeram de um só manjar espiritual e beberam da mesma fonte espiritual; porque bebiam de uma pedra espiritual que os seguia. E a pedra era Cristo.

Ou seja, para o apóstolo, a travessia do mar foi um batismo. Isso é tão significativo que, no judaísmo do início da era cristã, um prosélito, para entrar na comunidade judaica, tinha que ser circuncidado e passar por um batismo<sup>58</sup>. Este batismo era um rito de iniciação, o qual era uma imitação da saída do Egito, com o objetivo de que o prosélito passasse pelo sacramento que o povo de Israel havia recebido na travessia do mar<sup>59</sup>. Assim como o povo de Israel havia sido liberto definitivamente da servidão aos egípcios na passagem pelas águas, os que são batizados são libertos da servidão do pecado para uma nova existência<sup>60</sup>. Pois o batismo cristão, bem como a passagem pelo Mar Vermelho, não tem sentido de purificação, mas de libertação e criação<sup>61</sup>.

---

<sup>54</sup> DANIELOU, 2013, p. 110.

<sup>55</sup> DANIELOU, 2013, p. 110.

<sup>56</sup> DANIELOU, 2013, p. 110.

<sup>57</sup> DANIELOU, 2013, p. 110.

<sup>58</sup> DANIELOU, 2013, p. 111.

<sup>59</sup> DANIELOU, 2013, p. 111.

<sup>60</sup> DANIELOU, 2013, p. 111.

<sup>61</sup> DANIELOU, 2013, p. 112.

O povo de Deus estava sob a tirania do Faraó idólatra e foi liberto, pela destruição deste, nas águas. Do mesmo modo, a pessoa cristã estava sob a tirania de Satanás e deste é liberto pela destruição deste nas águas<sup>62</sup>. Danielou escreve:

A redenção é concebida como vitória de Cristo sobre o demônio, vitória pela qual a humanidade é libertada. É essa libertação que o batismo aplica a cada cristão. No batismo, o demônio é vencido de novo, a pessoa é salva, e isso pelo sinal da água<sup>63</sup>.

No êxodo do Egito, pela água, Deus libertou um povo carnal de um tirano carnal e o fez passar do Egito para o deserto; no batismo cristão, pela água, Deus liberta um povo espiritual de um tirano espiritual e o faz passar do mundo para o seu Reino<sup>64</sup>.

No êxodo do Egito, havia uma nuvem que acompanhava e guiava o povo (Êx 13.21,22). Era o sinal visível da presença de Deus com o povo<sup>65</sup>. Esta presença de Deus é que envolve Maria, mãe de Jesus (Lc 1.35). Pois agora, Jesus Cristo é a morada de Deus entre os seres humanos (Jo 1.14; 2.19-22). Esta nuvem aparece na transfiguração de Jesus (Lc 9.34,35) e na ascensão de Jesus aos céus (At 1.9). É o apóstolo Paulo quem estabelece a relação entre a coluna de nuvens no êxodo com o batismo cristão, ao afirmar que eles foram batizados no mar e na *nuvem* (1Co 10.2). Assim, o êxodo prefigurava a união dos dois elementos do batismo: água e Espírito<sup>66</sup>. Jo 3.5 diz: “(...) quem não nascer da água e do Espírito não pode entrar no Reino de Deus”.

Durante o dia, era uma coluna de nuvens que acompanhava o povo de Deus; durante a noite, uma coluna de fogo (Êx 13.21). Ou ao menos tinha a aparência de uma coluna de fogo (Êx 14.19,20!). Posteriormente interpretou-se esta coluna de fogo ou coluna de luz como uma imagem do Verbo de Deus, da Sabedoria de Deus<sup>67</sup>. Ou seja, o batismo também seria um tipo de iluminação: “De novo, Ihes falava Jesus, dizendo: Eu sou a luz do mundo; quem me segue não andarás nas trevas; pelo contrário, terá a luz da vida” (Jo 8.12).

## Conclusão

Neste artigo, abordamos apenas três figuras veterotestamentárias do batismo cristão. São três figuras centrais. Mas, como foi dito de início, não são as únicas e não encerram o assunto. Na verdade, a intenção não é encerrar o assunto, mas estimular sua abordagem. É uma contribuição também para a vivência cristã do batismo. Se há algo que para mim ficou claro enquanto pesquisei e refleti sobre o assunto, é que o batismo nem de longe é algo pontual e acabado. Pelo contrário, o que ficou claro para mim é que ele está operando a todo momento no mundo e, especialmente, na pessoa batizada. As águas do dilúvio estão afogando tudo aquilo que é impuro e não inocente aos olhos de Deus, a fim de que possa haver lugar na arca do nosso ser para “a folha nova de oliveira” que a pomba, o Espírito de Deus, traz do novo mundo pós-diluviano, dos novos céus e da nova terra, a nós que ainda estamos dentro da arca da Igreja neste tempo e aguardando as águas baixarem (Gn 8.11). Batismo é juízo e graça, perdição e salvação, sepultamento e ressurreição! Que a graça e a paz daquele que era, que é, e que há de vir, seja com aqueles e aquelas que aguardam o cumprimento total e definitivo das promessas de Deus, o Senhor do céu e da terra. Amém.

---

<sup>62</sup> DANIELOU, 2013, p. 112.

<sup>63</sup> DANIELOU, 2013, p. 112.

<sup>64</sup> DANIELOU, 2013, p. 112.

<sup>65</sup> DANIELOU, 2013, p. 112.

<sup>66</sup> DANIELOU, 2013, p. 114.

<sup>67</sup> DANIELOU, 2013, p. 115.

## REFERÊNCIAS

CULLMANN, Oscar. *Die Tauflehre des Neuen Testaments: Erwachsenen und Kindertaufe*. Zürich: Zwingli, 1948, 76 p.

DANIELOU, Jean. *Bíblia e liturgia: a teologia bíblica dos sacramentos e das festas nos Padres da Igreja*. São Paulo, SP: Paulinas, 2013, 373 p.

FITZMYER, Joseph A. *Romans: a new translation with introduction and commentary*. New York: Doubleday, 1993, 793 p.

KONRADT, Matthias. *Das Evangelium nach Matthäus: Neubearbeitung*. Göttingen: Vandenhoeck & Ruprecht, 2015, 523 p.